

**ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA
ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)**
GUARANI HISTORICAL ECOLOGY: THE PLANTS USED IN THE ATLANTIC FOREST BIOME
OF SANTA CATARINA SOUTHERN COAST, BRAZIL (PART 1)

Giovana de Souza Pereira
Francisco Silva Noelli
Juliano Bitencourt Campos
Marcos Pereira Santos
Jairo José Zocche

Vol. XIII | n°26 | 2016 | ISSN 2316 8412



Ecologia Histórica Guarani: As plantas utilizadas no Bioma Mata Atlântica do litoral sul de Santa Catarina, Brasil (Parte 1)

Giovana de Souza Pereira¹
Francisco Silva Noelli²
Juliano Bitencourt Campos³
Marcos Pereira Santos⁴
Jairo José Zocche⁵

Resumo: O artigo apresenta os resultados preliminares do projeto “A Utilização de Plantas pelos Guarani no Bioma Mata Atlântica da Planície Costeira do litoral sul do Estado de Santa Catarina, Brasil”. O objetivo foi levantar em fontes históricas e etnográficas as plantas utilizadas, sempre que possível identificando o nome Guarani, a espécie e sistematizando quais as partes utilizadas. Foram registradas em quatro fontes 639 espécies botânicas de 109 famílias (incluindo 28 espécies não identificadas). Myrtaceae, Fabaceae, Asteraceae, Lauraceae e Poaceae foram, respectivamente, as famílias mais importantes em quantidade de espécies. As partes mais utilizadas foram fruto, caule e folhas. A maior porcentagem de utilização está relacionada aos usos alimentares, medicinal e matéria-prima, respectivamente. Nossos resultados sugerem uma estreita interação entre os Guarani e a Mata Atlântica, com fortes evidências de que o seu modelo de manejo agroflorestal foi intensamente aplicado na área por mais de 500 anos.

Palavras-chave: Arqueologia; Botânica; Manejo Ambiental; Povos Guarani.

Abstract: This article presents preliminary results of the project "The plants used by the Guarani in the Atlantic Forest Biome of the South Coast of the Santa Catarina State, Brazil." The goal is the survey of historical and ethnographic sources on the plants used by the Guarani, identifying name, species and systematize the parts used. We recorded 639 plant species of 109 families, raised on four sources (including 28 species not identified). Myrtaceae, Fabaceae, Asteraceae, and Lauraceae Poaceae were respectively the most important families in number of species. The most used parts were fruit, stems and leaves. The highest percentage of use is related to human consumption, medicinal and raw materials respectively. Our results suggest a close interaction between the Guarani and the Atlantic Forest, with strong evidence that its agroforestry model has been extensively applied in the area for over 500 years.

Keywords: Archaeology; Botany; Environmental management; Guarani People.

INTRODUÇÃO

Os Guarani ocuparam o litoral sul de Santa Catarina, entre os rios Urussanga e Mampituba, como atestam os primeiros 51 sítios arqueológicos identificados na área (CAMPOS et al, 2013; CAMPOS, SANTOS,

¹ Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz da Universidade do Extremo Sul Catarinense (LAPIS/UNESC).

² Prof. Aposentado da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Brasil.

³ Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) - Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil.

⁴ Università degli Studi di Ferrara-UNIFE. Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) - Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil

⁵ Laboratório de Ecologia de Paisagem e de Vertebrados – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) - Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil.

2014; CAMPOS, 2015; PAVEI, SANTOS, CAMPOS, 2015; FARIAS, KNEIP, 2010) (Figura 1). As datações mostram uma ocupação entre 600 e 200 anos antes do presente (AP – c. 1400-1800 AD, cf. CAMPOS). Contudo, considerando as datações de Jaguaruna (margem esquerda do rio Urussanga) e Maquiné (40 km ao sul do rio Mampituba) é possível que a presença Guarani chegue a 900 AP ou mais cedo (BROCHADO, 1984; MILHEIRA, 2010). A longa permanência não era apenas em nível regional. As aldeias também duravam muitos anos em um único local como atestam as terras pretas antropogênicas, verdadeiros arquivos do solo que contêm toda a sorte de registros botânicos manejados pelos seus antigos ocupantes (a TPA também é formada pelo acúmulo de material orgânico de conchas e ossos nas áreas de descarte ao redor/próximas das habitações). Nos 5 sítios arqueológicos escavados pelo LAPIS até agora, observamos diversas TPAs com espessuras médias variando entre 45 e 10cm (CAMPOS, SANTOS, 2014). Para formar um centímetro de espessura de TPA é necessário bastante tempo com contínua ação humana de descarte de material orgânico com composições que variam em cada assentamento, com características particulares e únicas. Por exemplo, Smith (1980) sugeriu que para formar 1cm de tal solo são necessários 10 anos, o que implica dizer que para se ter 10cm é preciso 100 anos. Erickson (2003) estimou que para formar 75-90cm de TPA a taxa é de 0.008 a 0.1cm/ano. Logo é possível existir aldeia cujas sedes duraram pelo menos 100 anos no mesmo local (possivelmente muitos mais tempo, sendo a TPA indicador direto de sedentarismo, de impacto ambiental e das práticas de manejo agroflorestal realizadas continuamente).

Esta ocupação estava integrada a outras áreas ao norte e ao sul da área do projeto Entre Rios, na Planície Costeira e encosta da Serra Geral, formando uma faixa contínua de assentamentos desde Rio Grande do Sul até Florianópolis (CAMPOS et al, 2013; MILHEIRA, 2014; NOELLI, MILHEIRA e WAGNER, 2014; CAMPOS, 2015). Por sua vez, o litoral atlântico era uma das áreas de domínio Guarani na Região Sul do Brasil e partes de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraguai, Argentina e Uruguai, onde foram registrados mais de quatro mil sítios arqueológicos (BROCHADO, 1984; NOELLI, 2004; CORRÊA, 2014). Neste domínio existiu: 1) vasta rede de aldeias autônomas, eventualmente agrupadas em unidades políticas sob uma liderança político-religiosa; 2) as aldeias compartilhavam um modelo cultural e econômico de origem amazônica que estruturava todos seus saberes, transmitidos/reproduzidos a cada geração; 3) as aldeias sempre estavam no interior da mata ou onde havia extrato arbóreo suficiente para abrigar as residências, diversas áreas de atividade e roças no sistema de derrubada e queima. Considera-se rede de aldeias porque não haviam aldeias isoladas geograficamente ou politicamente, e todas as evidências arqueológicas mostram que as poucas aldeias isoladas, de fato, encontram-se onde não houve um *survey* regional completo (BONOMO et al., 2015). Após crescer continuamente por mais de dois milênios a população e a rede de aldeias começou a colapsar a partir da chegada dos europeus, com a introdução de doenças infecto-contagiosas que causaram grande impacto na demografia e levaram ao esvaziamento das áreas de ocupação Guarani, sendo o litoral uma das primeiras áreas a sofrer severa redução populacional (NOELLI e SOARES, 1997).

Guarani. Isto permite perceber os processos locais/regionais de forma mais concreta e definir com maior precisão as particularidades da cultura material, dos modos de ocupação do espaço e as práticas de interação das populações com o ambiente.

Do modelo cultural Guarani, destacamos dois conjuntos de dados que dão materialidade a noção de estrutura reproduzida na longa duração. O primeiro é formado pelo registro arqueológico, com destaque para as vasilhas cerâmicas que foram elaboradas dentro de padrões mantidos e reproduzidos em toda a vasta área Guarani, por um período superior a 2000 anos (LA SALVIA e BROCHADO, 1989). As vasilhas eram utilizadas para várias funções específicas para transformar e servir vegetais e animais como alimentos e bebidas, dentro de um sistema econômico baseado no manejo agroflorestral, na caça, pesca e na coleta (p. ex. NOELLI, 1993; NOELLI; BROCHADO, 1998; ROGGE, 2006; ROSA, 2006; SCHMITZ; FERRASSO, 2011). O segundo é formado por registros da língua Guarani, por comparações linguísticas com seus parentes da família Tupi-Guarani, assim como comparações com as línguas das outras nove famílias do Tronco Tupi. Desta maneira, pela linguística se confirmou que a cerâmica, práticas alimentares com forte base vegetal e o manejo agroflorestral já existiam no proto-Tupi, ao redor de cinco mil anos antes do presente (AP), como demonstra a reconstrução de palavras que definem as vasilhas e suas funções, mais a terminologia relacionada com a agricultura, botânica e as atividades de processamento de alimentos (RODRIGUES, 2000, 2007, 2010; RODRIGUES; CABRAL, 2012).

O sistema econômico Guarani é tipicamente amazônico, também chamado de sistema de floresta cultural (BALÉE, 1994, 2013). Ele foi desenvolvido para funcionar dentro da mata, contribuindo para modificar a biodiversidade com a inserção e manutenção de um pacote de plantas para alimentação, usos medicinais e matérias primas, manejadas anualmente (Tabelas 1 e 2). Este sistema econômico era muito plástico, capaz de adaptar-se a ambientes distintos, tendo como único condicionante a escolha de áreas com cobertura vegetal arbórea para implantar o sistema agroflorestral. O pacote tinha centenas de componentes, como as plantas de roça, transportados e intercambiados a partir do sudoeste da Amazônia, manejados por mais de dois milênios, de aldeia-a-aldeia. Eles também agregavam espécies das áreas novas, a exemplo da Região Sul do Brasil, como a araucária, a erva mate, as palmeiras do gênero *Butia*, as algarobas, entre muitas outras. O manejo das plantas ocorria em espaços variáveis: nas roças, trilhas/picadas, perto das casas e nos capões de mato sobre o campo. O território de domínio de uma aldeia, chamado pelos Guarani como tekohá, era cortado por inúmeras trilhas e abrigava muitas roças que eram abertas anualmente em espaços novos de mata virgem ou em matas secundárias de idades distintas, pois quando uma roça tinha a fertilidade do solo diminuída entrava em pousio e virava área de coleta de plantas úteis e caça. A capacidade de manejar e até criar os capões – verdadeiras ilhas de recursos no campo –, pode ser a explicação para a presença mais permanente em biótopos campestres e inundáveis, como em algumas áreas do Rio da Prata e do Bioma Pampa no Rio Grande do Sul. A existência do pacote de plantas poderia ser uma das explicações para a

ocorrência de espécies adventícias no Bioma Mata Atlântica, como resultado de ação humana, trazendo uma fonte adicional de transporte, além dos animais ou eventos climáticos que são tradicionalmente admitidas.

Tabela 1: Algumas espécies vegetais do pacote de plantas da roça Guarani (NOELLI, 1994).

	Nome Popular	Nome Guarani	Nome científico	Nº de cultivares
Tuberosas	Mandioca	Mandí'ó	<i>Manihot esculenta</i>	24
	Batata doce	Jety	<i>Ipomoea batatas</i>	21
	Batata "inglesa"	Maky	<i>Solanum tuberosum</i>	1
	Cará	Kara	<i>Dioscorea</i> spp.	9
	Feijão macuco	Mbakuku	<i>Pachyrrhizus erosus</i>	3
	Mangarito	Tajao	<i>Xanthosoma sagitifolium</i>	2
	Araruta	Akuti	<i>Maranta arundinacea</i>	1
	Batatinha	Makyxi	<i>Oxalis</i> sp.	4
Graníferas	Piriquiti	Mbery sa'yu	<i>Canna glauca</i>	1
	Milho	Avati	<i>Zea mais</i>	13
	Feijões	Kumanda	<i>Phaseolus</i> spp.	16
	Amaranto	Ka'aruru	<i>Amaranthus</i> sp.	4
	Quinoa	Ka'are	<i>Chenopodium</i> sp.	?
	Amendoim	Manduvi	<i>Arachis hypogaea</i>	7
	Tremoceiro	Manduvirá	<i>Lupinus</i> sp.	?
	Feijão guandu	Kumanda yvyra'i	<i>Cajanus</i> sp.	?
	Fava de rama	Kumanda cha'i	<i>Strophostyles</i> sp.	?
	Lágrima de N. Senhora	Kumanda usu	<i>Canavalia</i> sp.	?
Cucurbitáceas	Abóbora cheirosa	Andai	<i>Cucurbita moschata</i>	4
	Moranga	Kurapepê	<i>Cucurbita maxima</i>	1
	Cruá	Kurugua	<i>Sicana odorifera</i>	1

A Tabela 2 resume a quantidade mensal de espécies de plantas e fungos comestíveis que seriam coletadas pelos Guarani na área do delta do rio Jacuí. Os detalhes foram publicados por Noelli (1993), para mostrar as quantidades e a variedade de alimentos possíveis de serem ingeridos.

Tabela 2: Quantidades mensais de vegetais e fungos coletados para alimentação pelos Guarani no delta do rio Jacuí

	verão				Outono\Inverno						verão	
	jan	fev	mar	abr	Mai	jun	Jul	ago	Set	out	nov	dez
Frutíferas	87	84	87	67	44	33	34	31	35	47	65	74
Folhas, raízes, brotos, rizomas, flores, sementes	67	67	67	66	64	64	64	64	66	66	67	66
Fungos	15	16	40	36	31	30	15	7	9	10	11	10

OBJETIVO E METODOLOGIA

O objetivo deste artigo é contribuir na identificação das espécies botânicas utilizadas pelos Guarani no litoral sul de Santa Catarina. Trata-se de um banco de dados multidisciplinar em construção, para a ordenação dos dados publicados em fontes diversas sobre: 1) listagem de famílias e gêneros, para análise quantitativa do conjunto de plantas utilizadas nos ambientes dos sítios arqueológicos; 2) análise quantitativa das partes utilizadas das plantas; 3) análise quantitativa das finalidades práticas e simbólicas das espécies.

O projeto tem várias etapas. A primeira é compor a lista de espécies da área de pesquisa entre os rios Urussanga e Araranguá, realizada por botânicos. A segunda etapa é elaborar a lista geral de plantas

utilizadas pelos Guarani, composta por botânicos, historiadores, etnógrafos, linguistas, que registra o conhecimento e os usos tradicionais. A terceira etapa é o cruzamento das duas listas mencionadas, para definir quais as espécies do litoral sul de Santa Catarina foram úteis aos Guarani, assim como investigar o papel das possíveis espécies introduzidas pelos Guarani, cujos primeiros resultados apresentamos na Tabela 3. O banco de dados servirá para futuramente agregar conhecimento histórico, linguístico e etnográfico aos resultados das pesquisas arqueológicas sobre vestígios botânicos. E a nossa base de dados estará continuamente sujeita a revisões e ampliações.

A Mata Atlântica (*stricto sensu*), que se distribui ao longo do litoral brasileiro em uma estreita faixa que vai do nordeste ao Sul do Brasil, abrangendo a região litorânea e os planaltos serranos ocupando 15% (1.296.446 km²) do território nacional, atualmente encontra-se apenas 27% da cobertura original preservados em fragmentos isolados em maior concentração nas encostas e topo de montanha (BACKES, IRGANG, 2004; MMA, 2010). Detendo os maiores índices de diversidade biológica do planeta o Bioma Mata Atlântica é formado por diversos ecossistemas associados, como florestas ombrófilas (mista, aberta, densa, estacional decidual), brejos interioranos, campos de altitudes, campos sulinos, vegetação pioneira (restinga e manguezal) e os encaves florestais no nordeste (BRASIL, 1993).

A área de estudo vai do litoral para o continente, onde ocorrem as seguintes formações vegetais (cf. IBGE, 2012; MMA, 2010): Vegetação Pioneira sob influência Marinha (Restingas), onde existe uma grande variedade de ambientes circunscritos à esta formação, merecendo destaque, a faixa de praia, as dunas instáveis, as dunas fixas, as áreas aplainadas e plano-deprimidas; Floresta Ombrófila Densa (com suas variações em termos de altitude: das Terras Baixas (0 – 5m a.n.m); Submontana (5 – 400m a.n.m) e Montana (400m a.n.m).

É muito extensa a quantidade de informações históricas, etnográficas, linguísticas, etnobotânicas sobre os Guarani, publicadas desde o século 16. E, proporcionalmente, é grande a quantidade autores e publicações que não serão citados, devido ao tamanho deste artigo. A nossa lista foi composta a partir de um levantamento realizado por NOELLI (1993, 1994, 1998; NOELLI & LANDA, 1993) e OLIVEIRA (2009), onde se pode verificar da origem dos dados. A Tabela 3 exemplifica como tabulamos em nosso banco de dados as espécies vegetais, seus nomes científicos e populares, as partes das plantas utilizadas e os respectivos usos. A taxonomia segue Smith et al. (2006) para pteridófitas e, para as angiospermas, o Angiosperm Phylogeny Group (APG III, 2009). A tabela (Tabela 3) foi complementada com três colunas para: 1) parte da planta utilizada; 2) tipo de uso; 3) fonte da citação. A coluna sobre a parte da planta utilizada foi dividida em 10 subcolunas denominadas: R (raiz); C (caule); Ca (casca); L (látex); F (folha); Fl (flor); Fr (fruto); S (semente); TP (toda a planta); SI (sem indicação). A coluna para o tipo de uso foi dividida em onze subcolunas: Al (alimentar); Me (medicinal); Re (religioso); Cot (construção); Arf (artefato); Art (artesanato); Co (comercial); Ve (veneno); HP (higiene pessoal); Cu (curtição); SI (sem indicação). A coluna “fonte”, foi dividida em quatro subcolunas numeradas de 1 a 4, cujas referências estão na última linha da tabela.

Os dados referentes à parte utilizada da planta seguem as categorias propostas por Noelli (1993) e Oliveira (2009). Na categoria raiz foram incluídos os rizomas e bulbos; na categoria folha foram incluídos os brotos; na categoria fruto foram incluídas as drupas; na categoria toda planta estão os casos de uso de todas as partes simultaneamente; na categoria sem indicação estão os casos sem nenhuma indicação sobre a parte da planta utilizada em específico. Sobre o tipo de uso, conforme os dois autores, encontramos onze categorias (alimentar, medicinal, religioso, construção, artefato, artesanato, comercial, veneno, higiene pessoal, curtição e sem indicação): **Alimentar** – plantas utilizadas na dieta e para terapias, cultivadas ou coletadas. Muitas espécies são também usadas atualmente como alimento para as criações e para a fauna; **Artefato** – espécies usadas para confecção de utensílios os mais diversos, usados como ferramentas, talheres, roupas, pigmentos; **Artesanato** – esta categoria difere da anterior por incluir exclusivamente as espécies utilizadas para a confecção das peças comercializadas; **Comercial** – plantas que de alguma forma são exploradas comercialmente pela comunidade, incluindo medicinais; **Construção** – árvores, taquaras, cipós e demais espécies utilizadas na construção das edificações da aldeia; **Medicinal** – plantas utilizadas como remédio para doenças físicas e mentais, sob a forma de chás, compressas, banhos e emplastos; **Religioso** – categoria inclui exclusivamente plantas utilizadas nos rituais, como incenso, decoração, instrumentos cerimoniais e para a realização de feitiços e simpatias. **Veneno** – plantas utilizadas para intoxicar peixes em atividades de pesca; **Higiene pessoal** – espécies usadas para cortar cabelo, para escovar, saponina para limpar os cabelos, tônicos capilares, esfregão na forma de buchas; **Curtição** – espécies empregadas na curtição do couro animal; **Sem indicação** – espécies conhecidas, mas sem menção para uso específico. (Tabela 03, em anexo)

RESULTADOS

No total foram identificadas 639 espécies, pertencentes a 108 famílias botânicas e uma divisão para espécies não indicadas (Tabela 4). Dentre as famílias botânicas listadas destacaram-se, como as mais representativas com números acima de 20 espécies: Myrtaceae (54 espécies), Fabaceae (53 espécies), Asteraceae (35 espécies), Lauraceae (26 espécies) e Poaceae (24 espécies) (Tabela 4).

Tabela 3: Representatividade das famílias botânicas com maior quantidade de espécies usadas pelos Guarani.

N.	Família	Taxón	(%)	N.	Família	Taxón	(%)	N.	Família	Taxón	(%)
1	Myrtaceae	54	8,5	38	Cactaceae	4	0,6	75	Brassicaceae	1	0,2
2	Fabaceae	53	8,3	39	Convolvulaceae	4	0,6	76	Calophyllaceae	1	0,2
3	Asteraceae	35	5,5	40	Marantaceae	4	0,6	77	Calyceraceae	1	0,2
4	Lauraceae	26	4,1	41	Melastomataceae	4	0,6	78	Capparaceae	1	0,2
5	Poaceae	24	3,8	42	Phytolaccaceae	4	0,6	79	Chlorathaceae	1	0,2
6	Apiaceae	18	2,8	43	Piperaceae	4	0,6	80	Clethraceae	1	0,2
7	Amaranthaceae	16	2,5	44	Polygonaceae	4	0,6	81	Clusiaceae	1	0,2
8	Rubiaceae	15	2,3	45	Portulacaceae	4	0,6	82	Combretaceae	1	0,2
9	Bignoniaceae	14	2,2	46	Salicaceae	4	0,6	83	Cyatheaceae	1	0,2
10	Moraceae	14	2,2	47	Aristolochiaceae	3	0,5	84	Dennstaedtiaceae	1	0,2
11	Malvaceae	13	2,0	48	Cannabaceae	3	0,5	85	Dryopteridaceae	1	0,2
12	Passifloraceae	13	2,0	49	Caricaceae	3	0,5	86	Equisetaceae	1	0,2
13	Euphorbiaceae	12	1,9	50	Celastraceae	3	0,5	87	Haloragaceae	1	0,2
14	Solanaceae	12	1,9	51	Primulaceae	3	0,5	88	Heliconiaceae	1	0,2
15	Cucurbitaceae	11	1,7	52	Thypaceae	3	0,5	89	Hypericaceae	1	0,2
16	Annonaceae	10	1,6	53	Araliaceae	2	0,3	90	Loganiaceae	1	0,2
17	Araceae	10	1,6	54	Cannaceae	2	0,3	91	Loranthaceae	1	0,2
18	Arecaceae	10	1,6	55	Commelinaceae	2	0,3	92	Magnoliaceae	1	0,2
19	Lamiaceae	10	1,6	56	Cupressaceae	2	0,3	93	Malpighiaceae	1	0,2
20	Sapotaceae	10	1,6	57	Ebenaceae	2	0,3	94	Menispermaceae	1	0,2
21	Rosaceae	9	1,4	58	Erythroxylaceae	2	0,3	95	Menyanthaceae	1	0,2
22	Sapindaceae	9	1,4	59	Lythraceae	2	0,3	96	Musaceae	1	0,2
23	Urticaceae	9	1,4	60	Nyctaginaceae	2	0,3	97	Orchidaceae	1	0,2
24	Pteridophyta	8	1,3	61	Onagraceae	2	0,3	98	Peraceae	1	0,2
25	Bromeliaceae	7	1,1	62	Pontederiaceae	2	0,3	99	Phyllantaceae	1	0,2
26	Cyperaceae	7	1,1	63	Santalaceae	2	0,3	100	Proteaceae	1	0,2
27	Rutaceae	7	1,1	64	Symplocaceae	2	0,3	101	Ranunculaceae	1	0,2
28	Aquifoliaceae	6	0,9	65	Zingiberaceae	2	0,3	102	Scrophulariaceae	1	0,2
29	Dioscoreaceae	6	0,9	66	Adoxaceae	1	0,2	103	Smilacaceae	1	0,2
30	Verbenaceae	6	0,9	67	Alismataceae	1	0,2	104	Styracaceae	1	0,2
31	Anacardiaceae	5	0,8	68	Alstroemeriaceae	1	0,2	105	Thymelaeaceae	1	0,2
32	Apocynaceae	5	0,8	69	Amaryllidaceae	1	0,2	106	Tropaeolaceae	1	0,2
33	Meliaceae	5	0,8	70	Araucariaceae	1	0,2	107	Winteraceae	1	0,2
34	Oxalidaceae	5	0,8	71	Basellaceae	1	0,2	108	Xanthorrhoeaceae	1	0,2
35	Plantaginaceae	5	0,8	72	Begoniaceae	1	0,2	109	Espécies não indicadas	28	4,4
36	Turneraceae	5	0,8	73	Berberidaceae	1	0,2		Total	639	100,0
37	Boraginaceae	4	0,6	74	Bixaceae	1	0,2				

A família Myrtaceae teve o maior número de registros. Foram quatro citações em nível de família, seis apenas em nível de gênero e 44 em nível específico. *Eugenia* foi o gênero mais citado (n = 19), seguido por *Myrcia* e *Psidium* (n = 6 espécies cada). Esta família apresenta potencial frutífero, característica diretamente relacionada à alimentação humana e atração de animais para as roças em cultivo, para as roças em pouso, para os caminhos e outras áreas de cultivo dentro dos *tekohás*. Seus frutos são geralmente

carneiros, servindo como “bagueiras” (REIS et al., 1999), atraindo animais para locais onde são instaladas armadilhas de caça ou estruturas de espera, onde o caçador aguarda para surpreender sua presa. Esta característica de fornecimento de frutos à fauna contribui para uma espécie de efeito cascata, atraindo mamíferos, aves e répteis de diversos portes, seus predadores, e também facilitando a dispersão de sementes pelos animais. O grande número de espécies desta família citados nas fontes bibliográficas consultadas é um indicador de manejo e proteção visando à sobrevivência dos exemplares, uma vez que mudas poderiam ser transplantadas para cultivo e domesticação. É considerada uma das famílias mais comuns nas formações vegetais brasileiras, principalmente na Mata Atlântica, com destaque justamente para os gêneros de *Eugenia* e *Myrcia* (SOUZA; LORENZI, 2008). A dominância da família na Mata Atlântica pode ter resultado, também, da contribuição dos povos indígenas que ocuparam este Bioma no passado, assim como no presente.

No tipo de uso as Myrtaceae também se destacam como: alimentar (n= 51), artefato (n= 6), medicinal (n= 2) e comercial e construção (n=1). Os gêneros *Eugenia* (pitangueiras), *Myrcia* (guamirim) e *Psidium* (araçás e goiabas), foram mencionados como fonte alimentícia e normalmente eram consumidos *in natura* e cultivados nas roças e outras áreas de cultivo. Há um destaque para a jaboticaba, muito apreciada, havendo inúmeros jaboticabais “nativos” encontrados no meio da mata em diversas frentes de colonização da Região Sul nos séculos 19 e 20, sendo evidentes testemunhos do manejo agroflorestal.

A família Fabaceae é a segunda mais representativa, com 53 espécies, composta por ervas, árvores, arbustos e lianas, que frequentemente possuem frutos leguminosos (SOUZA; LORENZI, 2008). As fontes evidenciaram a utilização desta família (Tabela 5) para artefato (n = 20), para alimentação (n = 16), para fins medicinais (n = 12), artesanato (n = 6), veneno e construção (n = 4 cada), religioso (n = 2) e higiene pessoal (n = 1). As pertencentes ao gênero *Inga* foram as mais citadas (n = 5 espécies), para fins alimentícios, onde também se incluem os diversos cultivares de feijões e amendoim, mais os frutos do ingá, potencializando as opções de alimentação.

Tabela 4: As 5 famílias mais importantes em termos quantitativos utilizadas pelos Guarani

Uso					
	Myrtaceae	Fabaceae	Asteraceae	Lauraceae	Poaceae
Alimentar	51	16	7	24	6
Sem Indicação	20	20	0	13	0
Artefato	6	20	3	1	8
Medicinal	2	12	24	4	10
Comercial	1	0	0	0	2
Construção	1	4	1	0	6
Artesanato	0	6	0	0	5
Veneno	0	4	3	0	0
Hig. Pessoal	0	1	1	0	3
Religioso	0	2	1	1	1
Total	54	53	35	26	24

Também foram registradas *Erythrina crista-galli* (corticeira-do-banhado) e *Holocalyx balansae* (pau-alecrim), ambas com quatro tipos de utilização. O caule da *Erythrina crista-galli* é usado para construção, artefato, artesanato, mas também há outras partes usadas sem indicação. A espécie possui uma madeira leve de baixa durabilidade (LORENZI, 2002). Entre os usos, Noelli (1993) identificou a construção de canoas, esculturas, confecção de cochos e usados para processar alimentos. *Holocalyx balansae* apresentou utilidades relacionadas à alimentação, construção e artesanato. Quanto à parte da planta utilizada foram indicados fruto, caule e sem indicação. A espécie apresenta grande resistência e é muito dura, com alta densidade (LORENZI, 2002). A resistência da madeira levou os Guarani a usa-la para armadilhas, pontas de flechas, arcos, pilões e estruturas para malocas, as sementes dos frutos eram utilizadas em artesanatos.

A família Asteraceae é a terceira em número de espécies (n = 35) (Tabela 5), sendo composta por subarbustos, arbustos, poucas árvores e lianas. Nela encontram-se várias espécies medicinais (SOUZA; LORENZI, 2008), corroborando o resultado desta pesquisa: uso medicinal (n = 24), seguido do alimentar (n = 7), artefato e veneno (n = 3), construção, higiene pessoal e religioso (n = 1). As folhas figuram como a parte mais utilizada (Tabela 5).

Em quarto lugar vem à família foi Lauraceae (n = 26 espécies) (Tabela 5). Composta de árvores e arbustos, com o fruto do tipo baga, sendo uma das famílias com ampla distribuição na Mata Atlântica, destacando-se as espécies do gênero *Ocotea*, representando as canelas (SOUZA; LORENZI, 2008). Entre os tipos de utilização destacaram-se: alimentar (n = 24), medicinal (n = 4) e religioso (n = 1). Noelli (1993) demonstrou que algumas espécies eram utilizadas como fonte alimentícia, através dos frutos ou até mesmo para tempero e óleos. Destaca também a utilização do caule como madeira para usos diversos ligados a construções, armadilhas e instrumentos em geral.

A família Poaceae aparece em quinto lugar (Tabela 5), com 24 espécies. É composta por ervas geralmente rizomatosas, com fruto do tipo cariopse, muito importante para a subsistência humana, pois nela

estão inseridos o arroz, o milho, o trigo e diversos cereais típicos da alimentação humana (SOUZA; LORENZI, 2008). Dentre suas utilizações estão os fins medicinais (n = 10), artefato (n = 8), alimentar, construção (n = 6) e artesanato (n = 5).

Para os Guarani a utilização das gramíneas é importante. Por exemplo, destacam-se os diversos cultivares do milho (*Zea mays*), as taquaras, especialmente *Guadua trinii*, para confecção de artefatos (coberturas de recipientes) através dos trançados (artesanato). Também são de vital importância *Cortaderia selloana*, *Ichnanthus* sp., que serviam para higiene pessoal (depilação) e confeccionar artefatos.

Sobre as partes das plantas mais utilizadas (Figura 2), verificou-se que 23,6% referem-se aos frutos (n = 219 registros), 19,4% ao caule (n = 180 registros), 16,8% às folhas (n = 156 registros), 7,9% às raízes (n = 73 registros), 3,9% à casca (n = 36 registros), 3,6% às sementes (n = 33 registros), 2,5% às flores (n = 23 registros), 2,4% à toda a planta (n = 22) e, finalmente, 0,5% ao látex (n = 5 indicações). Foram registrados 19,4% (n = 180) de registros sem especificação sobre a parte utilizada.

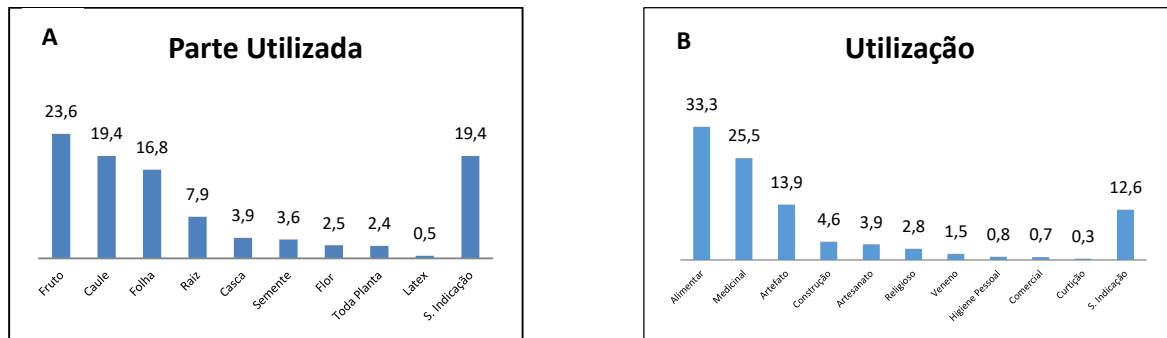


Figura 2: Partes utilizadas (A) e tipos de usos (B) das 639 espécies de plantas registradas nos trabalhos objetos de estudo da presente pesquisa, organizados em ordem decrescente de importância.

A categoria fruto (23,6%) foi a mais indicada referente à parte utilizada. Este fato relaciona-se com a diversidade de espécies vegetais frutíferas cultivadas nas roças e nas outras áreas de manejo (NOELLI, 1999-2000).

O caule foi a segunda parte (Figura 2 A) mais indicada na pesquisa (19,4%). A utilização da madeira está vinculada à confecção de instrumentos, bem como artefatos, comércio, artesanato e principalmente construções (canoas, malocas ou estruturas para dentro do aldeamento). Noelli (1993) destacou que as madeiras são utilizadas devido à morfologia do caule ou dos galhos, favorecendo a preparação/adaptação para a confecção artefatos.

Dentre os caules mais utilizados pode-se citar os pertencentes às espécies do gênero *Ficus* sp. (figueiras), de grande importância material e simbólica para os Guarani. A importância dessas plantas se dá pelo fato da matéria-prima ser utilizada na confecção de artesanato, artefatos e construções, além do consumo de seus frutos, para fins alimentícios e medicinais. A família Moraceae, em nível de espécie, apresenta formas do tipo arbustivas, arbóreas, lianas ou ervas. No Brasil, se dividem em 27 gêneros e

aproximadamente 250 espécies, a maioria na Amazônia, principalmente o gênero *Ficus* sp., sendo o gênero mais abundante das Moraceae, presente em quase todos tipos de ecossistemas (SOUZA; LORENZI, 2008). Os mesmos autores citam que a sua típica robustez e porte possibilita que se destaque na paisagem, sendo conhecidas popularmente como figueiras ou gameleiras. Salienta-se que esse gênero se destaca na paisagem da Floresta das Terras Baixas.

Cedrela fissilis (cedro) foi à espécie com maior indicação de usos, sendo outra planta de grande importância para os Guarani. Relaciona-se a sua utilização para usos medicinal, religioso, construção, artefato, artesanato e sem indicação. Em contexto etnográfico, Noelli (1993), assinala que os Guarani utilizavam o caule dessa espécie para a fabricação de canoas, estruturas de casas, construção de bancos, elaboravam esculturas e produziam artefatos como os pilões, onde eram moídos as sementes dos vegetais. As folhas também eram utilizadas para fins medicinais. O uso está relacionado ao grande porte, com 20 - 35 m de altura, com madeira de boa qualidade, podendo variar o peso de leve a moderadamente pesada, auxiliando na flutuação, amplamente utilizada para vários fins (LORENZI, 2002).

As folhas e raízes aparecem neste estudo na terceira e na quarta categorias de partes utilizadas, estando em uma grande parcela dos alimentos, como complemento alimentar (NOELLI, 1993).

Das onze categorias de utilização das plantas registradas (Figura 2B), 318 (33,3%) foram indicadas como alimento; 243 (25,5%) para fins medicinais; 133 (13,9%) para a confecção de artefatos; 44 (4,6%) para fins de construção; 37 (3,9%) para artesanato; 27 (2,8%) para fins religiosos; 14 (1,5%) para preparação de venenos; oito (0,8 %) para higiene pessoal; sete (0,7%) para uso comercial e três (0,3%) para preparação/curtição de couro animal. Foram registradas, ainda, 120 espécies (12,6%) sem indicação de uso, provavelmente resultando de informação incompleta nas fontes originais ou representando espécies apenas conhecidas pelos Guarani, sem uma função específica.

Nos registros etnográficos nota-se que algumas famílias têm maior representatividade na utilização da planta como alimento. Por exemplo, destaca-se família Curcubitaceae (abóboras), com as espécies *Cucurbita* sp. (abóbora), *Cucurbita maxima* (abóbora-menina, abóbora-grande), *Cucurbita moschata* (abóbora-de-pescoço), consumidas assadas ou cozidas e também poderiam ter uso medicinal as suas folhas, sementes, flores, raízes e o sumo da polpa espremida quando crua. Nesta família estão presentes também o melão e a melância, vegetais introduzidos na dieta, após o contato com os europeus (SCHMITZ, 1990; NOELLI, 1993).

Bromélias como *Tillandsia usneoides* (barba-de-velho), *Bromelia balansae*, *Bromelia antiacantha*, são citadas em contexto etnoarqueológico para confecção de artefatos e utensílios de limpeza, e apenas *T. usneoides* para higiene pessoal (NOELLI, 1993). Além dessas espécies, *Ananas bracteatus* (abacaxi) também merece destaque entre as cultivadas pelos Guarani, pois o fruto era consumido *in natura*, ou transformado em vinho (SCHMITZ, 1990; NOELLI; BROCHADO 1998).

Duas plantas de extrema importância na alimentação Guarani também são conhecidas como símbolos mitológicos. O milho (*Zea mays*), gramínea da família Poaceae, e a mandioca (*Manihot esculenta*), tuberosa da família Euphorbiaceae, serviam como alimento cozido, assado, na forma de farinha ou como bebida fermentada alcoólica (cauim) (NOELLI, 1993).

Uma espécie que teve um alto índice de utilização foi o *Syagrus romanzoffiana* (jerivá), que era utilizado para (alimentação, religioso, construção, artefato, artesanato e comercial). O jerivá está na família Arecaceae, a qual é composta por diversos gêneros de palmeiras que desempenham um papel importante nas culturas indígenas, pois possuem centralidade na vida prática e simbólica dos aldeamentos (LÉVI-STRAUSS, 1987). Noelli (1993), demonstrou que as folhas das palmeiras diretamente vinculadas à confecção de cestarias (utilizadas para carregar frutos, armazenar alimentos ou objetos), confecção de esteiras, produção de farinha (polvilho) e telhado de casas, confeccionadas através das folhas e fibras. O cerne do caule servia para confeccionar os arcos e as pontas de flechas, as fibras da casca de uma espécie serviam para tecer e fazer amarrações. E algumas espécies serviam como medicinais.

As plantas com finalidade medicinal possuem alto índice de utilidades (n = 243, 25,5 %), demonstrando o amplo conhecimento da flora pelos Guarani. O domínio das propriedades medicinais ligadas as espécies botânicas que permeavam o cotidiano era uma das demonstrações mais sólidas do seu conhecimento botânico e terapêutico, altamente adaptado aos contextos que viviam (NOELLI, 1998). Elisabetsky (1987), destacou que as plantas medicinais poderiam ser utilizadas para tratar doenças, tanto em rituais xamânicos, quanto em contextos de feitiçaria. No levantamento bibliográfico apareceram (n = 27, 2,8%) usos para fins rituais, entre as 639 amostras levantadas.

A produção de cultura material (n = 133, 13,9%) também tem destaque. Observou-se a necessidade da utilização de matérias-primas como caule e folhas para a confecção de diversos artefatos relacionados a: jogos, adornos, cochos, pilões, colheres, conchas, coberturas de recipientes, esculturas, esteira, madeiras para fogo, etc. Por exemplo, para a tecnologia de geração do fogo estão relacionadas algumas espécies específicas, que melhor respondem à fricção entre madeiras duras e macias: *Cupania vernalis* (cambotá – vermelho, madeira moderadamente pesada, compacta e elástica, moderadamente durável sob condições adversas), *Gymnanthes klotzschiana* (branquilho, madeira moderadamente pesada, compacta, macia e de baixa durabilidade quando exposta) *Parapiptadenia rigida* (angico, angico-vermelho, madeira pesada, compacta bastante dura, muito resistente grande durabilidade perante condições naturais) (LORENZI, 2002). *Dalbergia frutescens* (rabo-de-bugio, madeira de alta densidade, madeira dura), *Machaerium* sp. (sapuvinha, madeira de alta densidade, madeira dura), e *Trema micranta* (grandiuva, madeira de baixa densidade, madeira mole).

Para a estrutura das construções (n = 44, 4,6%), os Guarani procuravam utilizar o caule de madeiras resistentes. Por exemplo, Noelli (1993) indica entre as preferenciais a *Cedrela fissilis*, *Ficus* sp., *Holocalyx balansae* e *Erythrina crista-galli*. Para cobertura preferiam as folhas de Arecaceae.

Durante a pesquisa notou-se que os artesanatos (n = 37, 3,9%) eram confeccionados para várias finalidades, como: armazenar, guardar, tampar recipientes ou servir de uso próprio como a confecção de esteiras (NOELLI, 1993).

Nesta pesquisa observou-se a utilização de duas palmeiras para confecção de artesanato, a espécie *Butia capitata* (butiá, butiazeiro) e *Butia eriospatha* (butiá, butiá-azedo, butiá-vinagre), de onde se extraíam fibras para a confecção de cobertura, trançados, cestarias e outras matérias primas (Noelli, 1993).

Noelli (1993), destacou a utilização da haste de Gramíneas, como: *Chusquea ramosissima* (criciúma) e das taquaras *Guadua trinii* e *Merostachys* spp., para a confecção de cestarias. Os trançados poderiam ser feitos e amarrados através da utilização das fibras de *Philodendron bipinnatifidum* (banana-de-macaco).

Constatou-se também que 1,5% de espécies foram empregadas para veneno especialmente relacionado à atividade pesqueira em locais rasos (c. 1 metro) e sem correnteza, pois onde havia água corrente eram utilizadas as armadilhas chamadas *pari*. No levantamento foram encontradas 14 espécies, utilizadas para intoxicar os peixes, com destaque para dois gêneros de Sapindaceae: *Serjania* sp. e *Paullinia* sp. As plantas eram usadas inteiras, com algumas espécies ajuntadas em feixes amarrados para serem macerados à beira do rio, e outras decoctadas para que o sumo fosse liberado no local da pescaria (GATTI, 1985; NOELLI et al 1996). Heizer (1987), assinalou que o emprego de venenos vegetais para pesca era comumente utilizado pelos indígenas da América do Sul.

Para a higiene pessoal foram registradas oito espécies, 0,8% do total. Os Guarani utilizavam os ramos como depiladores e escovas para pentear os cabelos, e os tônicos para lavá-los e para banho.

O uso para o comércio representou 0,7% do total de registros, relativos aos séculos 19 e 20. As trocas de objetos entre grupos indígenas permearam as práticas ligadas ao que chamamos de comércio, com materiais de diversas naturezas nas relações sociais entre os povos indígenas (MELATTI, 2007).

A categoria curtição (n = 3 registros) está relacionada diretamente aos trabalhos de preparação e conservação da pele de animais, representou 0,3% dos registros sobre o preparo do couro diretamente ligados a plantas taníferas. Além da utilização como pelego, o couro poderia ser utilizado como corda e escudo (NOELLI, 1993).

Por fim, temos o exemplo da *Araucaria angustifolia*, com informações sobre a sua importância como alimento e matéria prima para os Guarani (NOELLI, 1993). A encosta da Serra Geral é um dos ambientes típicos da espécie e sua proximidade com a área de domínio próxima da beira mar indica que haveria exploração sob a forma de expedições de coleta subindo pela bacia de rios como o Urussanga e Araranguá. Mas também é possível que, assim como ocorria no médio curso do rio Jacuí – Rio Grande do Sul (NOELLI, 2000), os Guarani teriam realizado manejo da araucária e formado matas em altitudes abaixo da formação Submontana, próximas da sedes dos municípios de Criciúma, Içara, Sombrio, na base da encosta da serra.

Das 639 espécies identificadas, 180 não traziam indicação para a parte da planta utilizada e 120 não mencionavam o tipo de uso respectivamente. Pelo fato de representarem uma parcela significativa (19,4% e

12,6%, respectivamente), apontam para lacunas nas fontes ou apenas representariam que as plantas eram conhecidas e nomeadas, mas não utilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modificação e o uso da vegetação acompanharam as diversas sociedades indígenas da América do Sul, como atestaram inúmeros contextos arqueológicos que foram pesquisados (PIPERNO; PEARSALL, 1998). A exemplo dos Guarani, manejadores agroflorestais e grandes conhecedores das propriedades e usos das plantas, as demais populações que habitaram o litoral sul de Santa Catarina também utilizaram intensamente os vegetais e, provavelmente manejaram a mata nos últimos seis ou sete mil anos (WESOLOWSKI et al., 2007). Portanto, ainda é um tema inteiramente aberto à pesquisa, tanto na parte dos inventários botânicos, quanto para verificar como influenciavam as configurações ecológicas do ambiente, quer seja pela seleção de espécies boas para utilização nos mais diversos fins, quer seja na eliminação de espécies que não consideravam úteis.

Ao pensarmos que a ocorrência de algumas espécies adventícias no Bioma Mata Atlântica podem ter influência antrópica, temos, nas 639 espécies levantadas até o momento, uma margem de erro que poderá gerar novas explicações para a sua presença. De qualquer forma, o modelo agroflorestal Guarani no litoral sul catarinense colaborou diretamente na biodiversidade, especialmente considerando que ocuparam continuamente a área de pesquisa por mais de 500 anos (provavelmente até 700 anos).

Não é mais possível acreditar que o ambiente era intocado e naturalmente desenvolvido antes da chegada dos europeus. Existem evidências muito bem sustentadas por inúmeros dados arqueológicos e geológicos sobre as modificações dos ecossistemas causadas pelos povos indígenas. No caso Guarani e de outros povos do tronco Tupi, como os Tupinambá das Regiões Sudeste e Nordeste, os ambientes eram geridos para possibilitar a adequação dos seus sistemas de assentamentos, das trilhas ao longo das matas para conectar diversas aldeias (DEAN, 2002). Estes caminhos formariam redes que conectariam as aldeias, os seus acampamentos para exploração de recursos da mata, dos sistemas fluviais e do mar, característicos da ocupação do litoral meridional brasileiro, desde Rio Grande até Paranaguá, inteiramente dentro do Bioma Mata Atlântica (NOELLI, 2004).

Apesar de estarmos iniciando, os resultados demonstram a potencialidade dos dados levantados, que contribuem para o melhor entendimento das relações dos Guarani com o ecossistema, para compreender a sua contribuição na configuração cultural e ecológica das paisagens dos locais onde viveram por um tempo maior ao que já dura a história do Brasil desde 1500.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APG III (The Angiosperm Phylogeny Group). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 162(2): 105-121. 2009.
- BACKES, P.; IRGANG, B. *Mata Atlântica: as árvores e a paisagem*. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004.
- BALÉE, W. *Footprints of the forest. Ka'apor ethnobotany –the historical ecology of plant utilization by an Amazonian people*. New York: Columbia Press, 1994.
- BALÉE, W. *Cultural forests of the Amazon. A historical ecology of people and their landscapes*. Tuscaloosa: The University of Alabama Press. 2013.
- BONOMO, M. ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E. NOELLI, F. S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, v. 356, p. 54-73, 2015.
- BRASIL. Presidente da República. Dispõe sobre o corte, a exploração e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançado e médio de regeneração de Mata Atlântida. *Decreto Nº 750*, de 10 de fevereiro de 1993.
- BROCHADO, José Proenza. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South América*. Tese (Doutorado) – University of Illinois, Urbana-Champaign, 1984.
- CAMPOS, J. B.; ROSA, R. C.; RICKEN, C.; SANTOS, M. C. P.; ZOCHE, J. J. Arqueologia entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros Arqueológicos Pré-Históricos no Extremo Sul Catarinense. *Cadernos do LEPAARQ* v. 10, n. 20, p. 9-40, 2013.
- CAMPOS, J. B. *Arqueologia Entre Rios e a Gestão Integrada do Território no extremo sul de Santa Catarina – Brasil*. Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Cultura) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2015.
- CAMPOS, J. & SANTOS, M. *Programa de resgate arqueológico da Jazida de Areia Eckert, Campo Mãe Luzia*. Relatório Final. Criciúma, UNESC, 2014.
- CORREIA, A. G. *Pindorama de Mboia e Ikaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. 2014. 466 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- DEAN, W. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras In: RIBEIRO, Darcy (Org.). *Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 135-150. 1987.
- ERICKSON, C. Historical ecology and future explorations. In: J. Lehmann et al (eds). *Amazonian black earths: origins, properties and management*. Leyden: Kluwer. p. 455-500. 2003.
- FARIAS, D. S. E. ; KNEIP, A. *Panorama Arqueológico de Santa Catarina*. Palhoça: EDUnisul. 2010.
- GATTI, C. *Enciclopedia Guaraní-Castellani de conocimientos paraguayos*. Asunción: Editorial Nuevo, 1985.

- HEIZER, R. F. Venenos de Pesca. In: RIBEIRO, D. (Org.). *Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 95-100. 1987.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Manual técnico da vegetação brasileira; Sistema Fitogeográfico Inventário das Formações Florestais e Campestres Técnicas e Manejo de Coleções Botânicas Procedimentos para Mapeamentos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 271p.
- MMA. *Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros / Ministério do Meio Ambiente*. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Núcleo Mata Atlântica e Pampa; M. Campanili e W. B. Schaffer (orgs). Brasília: MMA, 2010. (Biodiversidade, 34). 2010.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, C. O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical In: RIBEIRO, D. (Org.). *Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 29-46. 1987.
- LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. 4ª d. Nova Odessa, SP: Plantarum, 2002.
- MELATTI, J. C. *Índios do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- MILHEIRA, R. G. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- MILHEIRA, R. G. *Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e na Serra do Sudeste*. Pelos: Editora da UFPel. 2014.
- NOELLI, F. S. *Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1993.
- NOELLI, F. S. El Guaraní agricultor. *ACCIÓN—Revista Paraguaya de reflexión y diálogo*, v. 144, 17-20. 1994.
- NOELLI, F. S.; SOARES, A. L. R. Para uma história das epidemias entre os Guarani. *Diálogos*, 1:165-178. 1997.
- NOELLI, F. S.; BROCHADO, J. P. O cauim e as beberagens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 8, p. 117-128, 1998.
- NOELLI, F. S. Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia Guarani através de informações históricas. *Diálogos*, v.2, p.177-199, 1998.
- NOELLI, F. S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872/2000. *Revista da USP*, n. 44, p. 218-269, 1999/2000.
- NOELLI, F. S. Documentação histórica do limite meridional da *Araucaria angustifolia* e do início do processo de desmatamento no Rio Grande do Sul, Brasil. *Napaea*, v. 12, p. 69-74, 2000.
- NOELLI, F. S. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. *Revista de Indias*, v. LXIV, n. 230, p. 17-34, 2004.

- NOELLI, F. S. The Tupi Expansion. In: SILVERMAN, H.; ISBELL, W. H. (Eds.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008, p. 659-670, 2008.
- NOELLI, F. S.; LANDA, B. S. Introdução às atividades têxteis Guarani. *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*. Santa Rosa, UNIJUÍ. p. 472-478. 1993.
- NOELLI, F. S.; MOTA, L. T. ; SILVA, F. A. Pari: armadilhas de pesca no sul do Brasil e a Arqueologia. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Arqueologia*. Porto Alegre: Edipucrs, v. 2. p. 435-446. 1996.
- NOELLI, F. S.; MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P. Tabela de sítios Guarani no litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. In: MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P. *Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba: Appris, 2014, p. 205-255.
- SOARES, A. L. R. *Guarani: organização social e arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1997.
- OLIVEIRA, D. *As florestas que pertence aos deuses: etnobotânica e territorialidade Guarani na Terra Indígena M'biguaçu/SC*. Monografia (Bacharelado em Ciência Biológica) - Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2009.
- PAVEI, D. D; SANTOS, M. C. P; CAMPOS, J. B. *Prospecção arqueológica para Levantamento dos Padrões de Assentamentos dos Sítios Arqueológicos do Extremo Sul Catarinense*. Relatório de Iniciação Científica. Programa de Iniciação Científica. PIBIC/UNESC/CNPQ. p. 9. Criciúma, 2015.
- PIPERNO, D. R.; D. M. PEARSALL. *The origins of agriculture in the lowland Neotropics*. San Diego, CA: Academic Press. 1998.
- REIS, A.; ZAMBONIM, R. M.; NAKAZONO, E. M. Recuperação de áreas florestadas degradadas utilizando a sucessão e as interações planta-animal. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, São Paulo, *Caderno n. 14*, 1999.
- RODRIGUES, A. D. Hipótese Sobre as Migrações dos Três Subconjuntos Meridionais da Família Tupí-Guaraní. In: *Anais do II Congresso da Associação Nacional de Linguística, XIV Instituto Linguístico*, Florianópolis: ABRALIN. CD-Rom. 2000.
- RODRIGUES, A. D. As consoantes do Proto-Tupí. In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'Igna Rodrigues. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas/Brasília: Curt Nimuendajú/LALI. p. 167-203. 2007.
- RODRIGUES, A. D. Linguistic reconstruction of elements of prehistoric Tupí culture. In: Eithne B. Carlin; Simon van der Kerke. (Org.). *Linguistics and archaeology in the Americas: the historization of language and society*. Leiden: Brill, v. 2. p. 1-10. 2010.
- RODRIGUES, A. D.; Cabral A.S. Tupían. In: Lyle Campbell e Verónica Grondona. (Org.). *The Indigenous Languages of South America*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, v. 2. p. 495-574. 2012.
- ROGGE, Jairo Henrique. O material cerâmico dos sítios do litoral central. *Pesquisas, Antropologia*, n. 63, p. 179-192, 2006.

- ROSA, A. O. 2006c. A importância dos mariscos na subsistência de antigos grupos indígenas no litoral central. Sítios RS-LC-81, 86, 87, 90, 92, 96. *Pesquisas, Antropologia*, 63:259-288.
- SCHMITZ, P. I. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil: Documento 04*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas: UNINSINOS, 1990.
- SCHMITZ, P. I.; FERRASSO, S. Caça, pesca e coleta de uma aldeia guarani. In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P. I. (Org.). *Antes do este catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, v. 1, p. 139-166. 2011.
- SILVA, F. A. Ceramic technology of the Asurini do Xingu, Brazil: An ethnoarchaeological study of artifact variability. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 15, p. 217-265, 2008.
- SILVA, F. A. Etnoarqueologia: Uma perspectiva Arqueológica para o Estudo da Cultura Material. *Métis*, v. 8, p. 121-139, 2009.
- SMITH, A. R. et al. A classification for extant ferns. *Taxon*, v. 55, n. 3, p.705-731, 2006.
- SOUZA, V. C.; LORENZI, H. *Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II*. 2ª Ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008.
- WESOLOWSKI, V.; MENDONÇA DE SOUZA, S. F.; REINHARD, K.; CECATINNI, G. Grânulos de amido e fitólitos em cálculos dentários humanos: Contribuição ao estudo do modo de vida e subsistência de grupos sambaquianos do litoral sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 17, p. 191-210, 2007.

ANEXO

Tabela 03

Taxón (Familia / Nome científico)	Nome Popular	Nome Guarani	Parte Utilizada											Tipo de uso										Fontes*				
			R	C	Ca	L	F	Fl	Fr	S	T.P	S.I	Al	Me	Re	Cot	Arf	Art	Co	Ve	HP	Cu	S.I	1	2	3	4	
Adoxaceae																												
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltld.	Sabugueiro	Ipoty djere tĩ					x	x							x											x		
Alismataceae																												
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltr.) Micheli	Aguapé	Tayaó											x		x												x	
Alstroemeriaceae																												
<i>Bomarea edulis</i> (Tussac) Herb.	Cará-de-caboclo	Karamboroty	x										x	x	x												x	x
Amaranthaceae																												
<i>Alternanthera</i> sp.	Periquito	Ka'aponga	x												x												x	x
<i>Alternanthera</i> sp1.	Periquito	Ka'aponga	x												x												x	x
Amaranthaceae 1		Avokudja					x								x										x			
<i>Amaranthus</i> sp.	Amaranto	Ka'a ruru		x			x						x	x	x												x	x
<i>Amaranthus blitum</i> L.	Cururu-de-cuia	Ka'a ruru ete					x							x													x	
<i>Amaranthus cruentus</i> L.	Cururu	Ka'a ruru					x							x													x	
<i>Amaranthus deflexus</i> L.	Cururu-roxo	Ka'a ruru					x							x													x	
<i>Amaranthus hybridus</i> L.	Cururu-bravo	Ka'a ruru					x							x													x	
<i>Amaranthus rosengurtii</i> Hunz.		Ka'a ruru					x							x													x	
<i>Amaranthus spinosus</i> L.	Cururu-rasteiro	Ka'a ruru ete					x							x													x	
<i>Amaranthus viridis</i> L.	Amaranto	Ka'a ruru ete					x							x													x	
<i>Celosia argentea</i> L.	Crista-de-galo	Ka'a ruru kariaco					x			x				x	x												x	x
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruço	Ka'arẽ													x											x	x	x
<i>Pfaffia tuberosa</i> (Spreng.) Hicken	Corango de batata	Ka'a pari	x											x													x	
<i>Sarcocornia fruticosa</i> (L.) A.J. Scott		Yvyra juky												x	x												x	

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

Amaryllidaceae																																										
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola				x										x																											
Anacardiaceae																																										
<i>Lithrea brasiliensis</i> Marchand	Bugreiro				x										x																											
<i>Myracrodruon balansae</i> (Engl.) Santin	Pau-ferro	Urunde'y			x	x																																				
<i>Schinus molle</i> L.	Aroeira-mansa	Aguara yva			x																																					
<i>Schinus polygamus</i> (Cav.) Cabrera	Assobiadeira	Aguara yva			x																																					
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira-mansa, aroeira-vermelha	Aguara yva			x	x																																				
Annonaceae																																										
Annonaceae 1	Araticum	Aratchiku			x																																					
<i>Annona cacans</i> Warm.	Quaresma	Aratiku																																								
<i>Annona emarginata</i> (Schltdl.) H.Rainer		Aratiku																																								
<i>Annona neosalicifolia</i> H.Rainer		Aratiku																																								
<i>Annona rugulosa</i> (Schltdl.) H.Rainer	Araticum	Aratiku pytä																																								
<i>Annona sylvatica</i> A. St.-Hil.	Araticum-cachorro	Aratiku guasu																																								
<i>Rollinia emarginata</i> Schltdl.	Araticum-domato	Aratiku'i																																								
<i>Xylopia</i> sp.		Yvyra yuĩ																																								
<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Embira-branca	Yvyra katu																																								
<i>Xylopia frutescens</i> Aubl.	Banana-domato	Yvyriva																																								
Apiaceae																																										
<i>Eryngium</i> sp.	Barba-de-cabra																																									
<i>Eryngium balansae</i> H.Wolff		Mbure-mbure	x																																							
<i>Eryngium ciliatum</i> Cham. & Schltdl.		Karaguata'y	x																																							
<i>Eryngium ebracteatum</i> Lam.		Karaguata'y	x																																							
<i>Eryngium eburneum</i> Decne.	Gravatá	Karaguata'y	x																																							
<i>Eryngium elegans</i> Cham. & Schltdl.	Gravatá-dobanhado	Karaguata'y	x																																							

<i>Eryngium eriophorum</i> Cham. & Schltl.	Gravatá	Karaguata'y	x																	x		
<i>Eryngium floribundum</i> Cham. & Schltl.	Caraguatá-falso	Karaguata'ua	x																	x		
<i>Eryngium horridum</i> Malme	Caraguatá	Karaguata'y	x																	x		
<i>Eryngium luzulifolium</i> Cham. & Schltl.		Karaguata'y	x																	x		
<i>Eryngium megapotamicum</i> Malme	Gravatá	Karaguata'y	x																	x		
<i>Eryngium nudicaule</i> Lam.	Salso-da-praia	Karaguata'y	x																	x		
<i>Eryngium pandanifolium</i> Cham. & Schltl.	Caraguatá	Karaguata'y	x																	x		
<i>Eryngium sanguisorba</i> Cham. & Schltl.		Karaguata'y	x																	x		
<i>Eryngium stenophyllum</i> Urb.	Caraguatá	Karaguata'y	x																	x		
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho	Ipoty djere						x				x								x	x	
Apocynaceae																						
<i>Allamanda cathartica</i> L.	Alamandra-amarela	Akapoxi, Yvapo, Yvapoca																			x	x
<i>Asclepias curassavica</i> L.	Oficial-de-sala	Ka'a maráta'y	x																		x	x
<i>Aspidosperma australe</i> Müll. Arg.	Guatambu	Yvyraromi		x																	x	x
<i>Tabernaemontana catharinensis</i> A. DC.	Leiteira	Sapirangy		x		x	x														x	x
<i>Thevetia neriifolia</i> Juss. ex Steud.	Chapéu-de- napoleão	Aguairo																			x	x
Aquifoliaceae																						
<i>Ilex dumosa</i> Reissek	Caúna	Ka'a chyri																			x	x
<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Erva-mate	Ka'a																			x	x
<i>Ilex</i> sp.	Erva-mate-Silvestre	Ka'a miri'																			x	
<i>Ilex</i> sp. 2	Erva-mate-silvestre	Ka'a rã																			x	
<i>Ilex</i> sp. 3	Erva-mate-silvestre	Ka'a rã																			x	
<i>Ilex theezans</i> Mart. ex Reissek	Caúna	Ka'a rã																			x	x
Araceae																						

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

<i>Anthurium</i> sp.	Antúrio	Guembe rã	x								x		x							x	x	x		
<i>Caladium striatipes</i> (Kunth & C.D. Bouché) Schott	Caladium	Mangara									x	x										x		
<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Imbé-amarelo	Guembe pi					x					x									x	x		
<i>Philodendron bipennifolium</i> Schott	Imbé-branco	Guembe 'y	x		x			x	x			x	x								x	x	x	x
<i>Philodendron</i> sp.	Imbé	Guembe rã	x																		x			
<i>Pistia stratiotes</i> L.	Repolho-da-água	Ka'a pe, Guaimi rova					x						x									x	x	
<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Taioba, orelha-de-elefante	Tajao										x	x										x	
<i>Xanthosoma</i> sp.	Orelha-de-elefante	Tajao					x						x										x	
<i>Xanthosoma striatipes</i> (Kunth & C.D. Bouché) Madison	Banana-do-brejo	Tajao										x	x										x	
<i>Xanthosoma violaceum</i> Schott	Taioba	Tajao										x										x	x	
Araliaceae																								
<i>Dendropanax cuneatus</i> (DC.) Decne. & Planch	Pau-de-tamanco	Ombura jukeri vusu					x						x										x	
<i>Schefflera morototoni</i> Maguire, Steyerl. & Frodin var. <i>morototonii</i>	Pau-mandioca	Amba'y guasu					x						x									x	x	
Araucariaceae																								
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	Araucária	Kuri'y					x						x									x	x	x
Arecaceae																								
Arecaceae 1																								
<i>Archontophoenix alexandrae</i> (F.Muell.) H.Wendl. & Drude	Palmeira-real												x										x	
<i>Attalea dubia</i> (Mart.) Burret	Indaiá	Pindo andai					x						x										x	
<i>Bactris setosa</i> Mart.	Tucum	Karanda'y; Mbokadja	x	x	x			x				x	x									x	x	x
<i>Butia capitata</i> (Mart.) Becc.	Butiá, butiazeiro	Jata'í					x					x											x	
<i>Butia eriospatha</i> (Mart. ex Drude) Becc.	Butiá, Butiá-azedo, Butiá-vinagre	Jata'í					x					x											x	
<i>Butia</i> sp.	Butiá	Jata'í					x					x											x	

<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Palmito Jussara	Jujy	x					x			x								x	x			
<i>Geonoma gamiova</i> Barb. Rodr.	Guaricana	Pindo ro, Pindo'i					x						x						x				
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Jerivá	Pindo	x	x			x		x	x			x	x	x				x	x			
Aristolochiaceae																							
<i>Aristolochia</i> sp.	Cipó-mil-homens	Tchypo katchi		x			x													x			
<i>Aristolochia labiata</i> Willd.	Acácia	Ype akã								x			x								x	x	
<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	Papo-de-peru	Ysygo kafí paje								x			x							x	x		
Asteraceae																							
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Mata-pastro	Tapekue											x								x	x	
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Marcela	Jata'i ka'a		x			x	x					x								x	x	x
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	Agrião-do-brasil						x						x	x								x	
<i>Anthemis</i> sp.	Amora-preta	Ñamby ka'a					x						x							x		x	
<i>Arnica montana</i> L.	Arnica-do-mato	Ipoty dju											x								x		
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Vassoura	Ju'i vatã											x							x			
<i>Baccharis</i> sp.	Vassoura-branca	Jaguarete ka'a; Nherumi mirí																			x	x	x
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueija-amarga	Djakare ruguái, Tatu ruguái											x								x		
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão-preto	Nhuati unã ; Djairogué odjaivë	x																		x	x	x
<i>Conyza blakei</i> (Cabrera) Cabrera	Erva-lucera	Mbu'y																				x	
<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	Yvoty pytä																				x	
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC. ex Wight	Serralhinha	Tcherai																			x		
<i>Erechtites hieracifolius</i> (L.) Raf. ex DC.	Serralha-brava	Ka' ape ruguái	x																			x	x
<i>Erigeron</i> sp.	Margarida	Mbu'y																				x	x
Asteraceae 1		Koaratchy poã																				x	
<i>Eclipta</i> sp.	Agrião-do-brejo	Tangara ka'a																				x	x

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

<i>Eupatorium oblongifolium</i> (Spreng.) Baker		Yryvu retyma										x							x			x	
<i>Eupatorium triplinerve</i> Vahl	Erva-santa	Yryvu retyma										x							x			x	
<i>Grindelia scorzonifolia</i> Hook. & Arn.		Ka'ape ysy										x		x								x	x
<i>Hypochaeris</i> sp.	Serralha	Ka'a pe	x				x						x	x								x	x
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	Ñamby ka'a						x						x								x	x
<i>Mikania</i> sp.	Cipó -catinga	Ysypo katĩ					x							x								x	x
<i>Mikania cordifolia</i> (L. f.) Willd.	Guaco, erva-de-cabra	Kauë ka'a																				x	
<i>Moquiniastrum polymorphum</i> (Less.) G. Sancho		Kambará		x			x							x								x	x
<i>Pterocaulon polystachyum</i> DC.												x										x	
<i>Pterocaulon</i> sp.												x		x								x	x
<i>Pluchea</i> sp.	Arnica	Jakare ka'a										x		x								x	x
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica-brasileira	Mbu'y					x	x						x								x	x
<i>Spilanthes</i> sp.	Jambú	Ñamby					x			x			x	x								x	
<i>Stevia</i> sp.	Azuca	Ka'a he'ë										x		x								x	x
<i>Tagetes</i> sp.	Cravo-africano	Suico										x		x								x	x
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Tanaceto	Ka'a jupe										x		x								x	x
<i>Taraxacum officinale</i> F.H. Wigg.	Dente-de-leão							x						x								x	
<i>Xanthium</i> sp.	Abrolho											x		x								x	
<i>Xanthium strumarium</i> L.												x		x									x
Basellaceae																							
<i>Boussingaultia baselloides</i> Kunth	Alho-bravo	Ka'a rurupi	x											x	x							x	x
Begoniaceae																							
<i>Begonia</i> sp.	Begônia	Ka'a hái		x								x		x								x	x
Berberidaceae																							
<i>Berberis laurina</i> Billb.	Espinho-de-são-joão	Ñuati ju												x								x	
Bignoniaceae																							
<i>Anemopaegma</i> sp.	Catuaba	Ava katu										x		x								x	x

<i>Dolichandra dentata</i> (K.Schum.) L.G. Lohmann		Mbarakaja pyape								x					x					x		x
<i>Bignonia</i> sp.	Unha-de-gato	Mbarakaja pyape			x							x								x		x
Bignoniaceae 1	Ipê-roxo	Tadjy pyta									x									x	x	
Bignoniaceae 2	Caroba	Para para'y			x		x					x									x	
Bignoniaceae 3		Tadjy ipe										x									x	x
Bignoniaceae 4		Tadjy tchi'i										x		x								x
<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex A. DC.) Mattos	Ipê amarelo				x		x	x													x	
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Ipê-comum	Tajy		x																	x	x
<i>Jacaranda micrantha</i> Cham.	Carobão	Parapara'y			x																x	x
<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H. Gentry	Cipó - alho										x		x									x
<i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam.) DC.	Caixeta	Yvyra vevüi		x												x	x					x
<i>Tabebuia nodosa</i> (Griseb.) Griseb.		Tajy		x													x					x
<i>Tabebuia</i> sp.		Tajy		x																		x
Bixaceae																						
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Uruku		x					x	x	x	x									x	x
Boraginaceae																						
<i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J.S. Mill.	Guaiuvira, guajuvira	Guajayvi		x								x			x							x
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Louro-pardo	Petereviju											x								x	x
<i>Heliotropium indicum</i> L.	Crista-de-galo	Aguara ponda											x			x						x
<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Baleeira	Uru'vu ka'a					x								x							x
Brassicaceae																						
<i>Lepidium bonariense</i> L.		Ka'apetaí					x									x	x					x
Bromeliaceae																						
<i>Ananas bracteatus</i> (Lindl.) Schult. & Schult.f.	Abacaxi	Naná																				x
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Bromélia	Karaguata					x	x						x	x							x
<i>Bromelia balansae</i> Mez.	Bromélia	Karaguata					x	x						x	x							x
Bromélia 1	Bromélia	Karaguata					x															x

GIOVANA DE SOUZA PEREIRA, FRANCISCO SILVA NOELLI, JULIANO BITENCOURT CAMPOS, MARCOS PEREIRA SANTOS E JAIRO JOSÉ ZOCHE

<i>Maytenus</i> sp.	Cacrosa	Yvyra juky		x								x	x										x		x												
<i>Maytenus aquifolia</i> Mart.	Espinheira-Santa	Yvyra hapoju	x											x											x												
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Cancerosa	Aka										x		x												x		x									
Chlorathaceae																																					
<i>Hedyosmum brasiliense</i> Miq.	Cidrão	Ambay miri																																			
Clethraceae																																					
<i>Clethra</i> sp.	Carne-de-vaca	Guadjauê tí																																			
Clusiaceae																																					
<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	Bacupari	Pakuri							x	x				x		x												x		x							
Combretaceae																																					
<i>Terminalia catappa</i> L.	Amendoeira-da-praia	Yvyra sa'y ju		x																							x		x		x						
Commelinaceae																																					
<i>Commelina virginica</i> G.Forst.	Trapoeraba, andacá	Anda ka'a																																			
<i>Tradescantia</i> sp.		Ka'a puerava																																			
Convolvulaceae																																					
<i>Argyrea nervosa</i> (Burm. f.) Bojer	Trepadeira-elefante	Takua mimby																																			
<i>Cuscuta</i> sp.	Fios-de-ovos	Ygau rã ñaimbe												x																							
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata doce	Jety	x																																		
<i>Quamoclit coccinea</i> (L.) Moench	Flor-de-catedral, corda-de-viola	Ka'avo pochy																																			
Cucurbitaceae																																					
<i>Cayaponia</i> sp.	Taiuiá	Kario	x																																		
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Malância	Tchanjau																																			
<i>Cucumis melo</i> L.	Melão	Merō																																			
<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	Andai						x		x																											
<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne ex Lam.	Abóbora-menina	Kurapepê							x		x	x		x		x	x																				

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	Aboborá-de-pescoço	Andai	x			x	x	x	x			x	x								x	x	
<i>Lagenaria</i> sp.	Porongo, cabaça	Y'a			x		x				x		x								x	x	
<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	Porongo	Y'akua					x					x									x	x	
<i>Luffa cylindrica</i> M.Roem.	Esponja-vegetal	Kuruguã							x		x										x		
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	Andaimi					x					x	x									x	x
<i>Sicana odorifera</i> (Vell.) Naudin	Cruá	Kurugua									x	x										x	
Cupressaceae																							
<i>Cupressus</i> sp.	Cedrinho	Hogue piriri					x															x	
<i>Cupressus</i> sp.2	Cipreste	Yvyra katu miri					x															x	
Cyatheaceae																							
<i>Cyathea delgadii</i> Sternb.	Samabaia-açu	Tchatchim																				x	
Cyperaceae																							
<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C.B.Clarke	Cara-barbado										x		x									x	x
<i>Cyperus</i> sp.	Capim	Kure piri	x									x										x	
<i>Cyperus esculentus</i> L.	Capim-dandá	Kure piri	x										x									x	
<i>Cyperus giganteus</i> Vahl	Papiro	Kure piri									x										x		
<i>Cyperus rotundus</i> L.	Tiririca	Kure piri	x	x			x					x	x									x	x
<i>Kyllinga odorata</i> Vahl	Capim-de-cheiro	Kapi'i katĩ					x						x									x	
<i>Schoenoplectus californicus</i> (C.A.Mey.) Soják	Junco	Piri										x									x		
Dennstaedtiaceae																							
<i>Pteridium aquilinum</i> var. arachnoideum (Kaulf.) Brade	Samabaia-do-campo	Amambái iñu					x						x									x	
Dioscoreaceae																							
<i>Dioscorea dodecaneura</i> Vell.		Kara	x										x									x	
<i>Dioscorea glandulosa</i> (Griseb.) Kunth		Kara	x										x									x	
<i>Dioscorea</i> sp.	Batata-cara	Kara	x									x	x	x								x	x
<i>Dioscorea microbotrya</i> Griseb.	Batata-cara	Kara	x										x									x	

<i>Dioscorea subhastata</i> Vell.	Batata-cara	Kara	x										x											x	
<i>Dioscorea trifida</i> L. f.	Batata-cara	Kara	x										x											x	
Dryopteridaceae																									
<i>Dryopteris</i> sp.										x			x											x	
Ebenaceae																									
<i>Diospyros inconstans</i> Jacq.	Pêra-do-mato	Guayacanã							x				x											x	
<i>Diospyros kaki</i> L. f.	Caqui								x				x											x	
Equisetaceae																									
<i>Equisetum giganteum</i> L.	Cavalinha	Aguara chaĩ ruguai											x												x
Erythroxyloaceae																									
<i>Erythroxyllum</i> sp.	Baga-de-pomba	Kamba ava											x											x	x
<i>Erythroxyllum argentinum</i> O.E.Schulz.	Cocão	Kamba ava				x			x				x											x	x
Euphorbiaceae																									
<i>Actinostemon concolor</i> (Spreng.) Müll.Arg.	Laranjeira-do-mato, laranjeira-do-banhado																							x	x
<i>Alchornea</i> sp.	Tanheiro	Tapi'á guasu'y				x																		x	x
Euphorbiaceae 1		Yvyra tchi																						x	
<i>Euphorbia</i> sp.	Coroa-de-cristo												x											x	x
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Cipó-quebra-pedra	Pë'ëngue poã																						x	
<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão manso	Kuri'y vái	x						x				x											x	x
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Mandi'ó	x										x											x	x
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamoneiro	Mbay syvo																						x	x
<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Pau-leiteiro	Kurupika'y							x				x										x	x	
<i>Sapium haematospermum</i> Müll.Arg.	Chorão	Kurupika'y guasu											x											x	x
<i>Sapium</i> sp.	Toropi	Kurupika'y																						x	x
<i>Sebastiania klotzschiana</i> (Müll.Arg.) Müll.Arg.	Branquilho	Yvyra kamby							x				x											x	
Fabaceae																									

<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	Ingá - macaco	Inga guatchu				x	x			x	x								x						
<i>Inga vera</i> subsp. <i>affinis</i> (DC.) T.D.Penn.	Ingá-do-bréjo	Inga morotĩ	x				x			x									x		x				
<i>Inga virescens</i> Benth.	Ingá	Inga	x				x			x									x		x				
<i>Muelleria campestris</i> (Mart. ex Benth.) M.J. Silva & A.M.G. Azevedo		Yvyra ita	x	x															x		x				
<i>Machaerium</i> sp.	Sapuvinha	Sapi'y	x																		x	x			
<i>Machaerium stipitatum</i> Vogel	Sapúva	Sapi'y guasu	x																		x	x			
<i>Melanoxylon</i> sp.	Braúna-preta	Yvyra hũ								x												x			
<i>Melanoxylon</i> sp1.										x													x		
<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) Kuntze	Maricá	Jukeri	x			x	x	x														x	x	x	
<i>Mimosa incana</i> Benth.	Jurema-preta	Jukeri	x																			x	x		
<i>Myrcarpus frondosus</i> Allemão	Cabreúva	Kavure'y	x			x		x														x	x	x	
<i>Pachyrhizus tuberosus</i> (Lam.) Spreng.	Feijão-de-asas	Mbakuku						x															x		
<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	Angico, angico-vermelho	Kurupa'y rã	x	x		x																x	x	x	x
<i>Parkinsonia aculeata</i> L.	Cina-cina, espinho-de-judeu	Sina-sina	x	x	x	x																	x	x	
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Amendoim-bravo	Yvyra pytã	x	x																			x	x	x
<i>Peltophorum</i> sp.	Farinha-seca	Yvyra pytã								x														x	
<i>Peltophorum</i> sp1.		Yvyra pytã								x															x
<i>Phanera microstachya</i> (Raddi) L.P. Queiroz	Escada-de-macaco					x																		x	
<i>Phanera splendens</i> (Kunth) Vaz	Pata-de-veado	Guatchu pytcha				x																		x	
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	Kumanda						x																x	x
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F. Macbr.	Pau-jacaré	Kourupa'y	x																					x	
<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	Amendoim-do-mato	Yvyra ro	x																					x	x
<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S. Irwin & Barneby (sem id. Para uso)	Pau de cigarra	Yakã ra								x														x	x

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Mangirioba, manjirioba	Taperyva					x										x		x		
<i>Sesbania punicea</i> (Cav.) Burkart		Sarã					x										x		x		
<i>Schnella microstachya</i> Raddi		Ka'i karera								x							x		x		
<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S. F. Blake	Garapuvu	Yvyra ipoty dju					x										x				
<i>Strophostyles</i> sp.		Kumanda cha'ĩ								x	x								x		
<i>Sweetia fruticosa</i> Spreng.		Taperyva guasu					x										x		x		
<i>Vicia</i> sp.	Feijão-de-vagem	Kumanda minĩ							x										x		
Haloragaceae																					
<i>Myriophyllum aquaticum</i> (Vell.) Verdc.	Alface-da-água	Ka'a ruru juky									x	x							x	x	
Heliconiaceae																					
<i>Heliconia</i> sp.	Caeté	Peguao																	x		
Hypericaceae																					
<i>Hypericum connatum</i> Lam.	Orelha-de-gato	Ka'avo tyre'y																	x		
Lamiaceae																					
<i>Lavandula</i> sp.	Alfazema								x										x		
<i>Mentha</i> L.	Menta	Ka'a katĩ					x	x											x	x	
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Ka'a katĩ					x	x												x	
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçã	Hogue reaquã ivẽ					x	x	x										x		
<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	Anis	Petÿ reaquã					x	x	x										x		
<i>Peltodon</i> sp.	Hortelã-domato	Kamba akã ka'a										x								x	
<i>Peltodon</i> sp1.												x									x
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews.	Boldo	Hogue iro																	x		
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Nherumĩ'i																	x		
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke	Tarumã	Tarumã											x	x						x	x
Lauraceae																					

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

<i>Ocotea tristis</i> (Nees & Mart.) Mez.	Canela	Aju'y		x					x										x		x											
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Petu guatchu							x												x											
<i>Persea venosa</i> Nees & Mart.	Canjerana								x																x							
Loganiaceae																																
<i>Strychnos brasiliensis</i> Mart.	Anzol-de-lontra	Ñuatí kurusu		x	x		x																			x	x					
Loranthaceae																																
<i>Psittacanthus</i> sp.	Erva-de-passarinho	Guyra repoti																									x	x				
Lythraceae																																
<i>Lafoensia</i> sp.		Morosyvó																										x				
<i>Lafoensia</i> sp1.		Morosyvó																											x			
Magnoliaceae																																
<i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng.	Baguaçu	Mbaguatchu		x																									x			
Malpighiaceae																																
<i>Banisteriopsis caapi</i> (Spruce ex Griseb.) Morton.		Tchypo poã		x	x																								x			
Malvaceae																																
<i>Abutilon grandifolium</i> (Willd.) Sweet.	Figueira-do-brejo	Ka'a ruruti																											x	x		
<i>Abutilon pauciflorum</i> A.St.-Hil.		Ka'a ruruti																											x	x		
<i>Abutilon umbelliflorum</i> A.St.-Hil.		Ka'a ruruti																											x	x		
<i>Abutilon</i> sp.	Sininho	Ka'a ruruti																											x	x		
<i>Bombax</i> sp.	Uvaia	Ypi'ib																											x			
<i>Cavanillesia umbellata</i> Ruiz & Pav.																													x			
<i>Ceiba crispiflora</i> (Kunth) Ravenna.	Figueira-da-austrália	Samu'u moroti																											x	x		
<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.	Paineira	Samu'u																											x			
<i>Gossypium</i> sp.	Algodão	Mandyju		x																									x	x	x	x
<i>Luehea divaricata</i> Mart. & Zucc.	Açoita-cavalo-branco	Ka'aoveti																											x	x	x	x
<i>Luehea</i> sp.	Açoita - cavalo-vermelho	Itchongy																											x			

<i>Sida rhombifolia</i> L.	Guaxuma	Typycha ju					x														x	x	x				
<i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.		Ju'a chima	x				x																x	x			
Melastomataceae																											
Melastomataceae 1		Arao						x	x														x				
Melastomataceae 2	Pixirica	Iaui																					x				
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin.	Jacatirão-açu	Nerumi guaxu, Nerumi ka'aguy, Typea guaxu		x																				x			
<i>Tibouchina urvilleana</i> (DC.) Cogn.	orelha-de-onça, quaresma, quaresmeira	Uru py																						x			
Meliaceae																											
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Canjarana, canjerana	Kayaraná	x	x			x	x																x	x	x	
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro, cedro-rosa	Ygary		x	x																			x	x	x	
<i>Guarea macrophylla</i> Vahl	Pau-de-arco	Anã pire		x																				x		x	
<i>Trichilia clausenii</i> C. DC.	Catiguá	Ka'avove'í																								x	
<i>Trichilia elegans</i> A. Juss.	Pau-de-ervilha	Ka'avove'í		x	x																				x	x	x
Menispermaceae																											
<i>Cissampelos</i> L.		Mbarakaja ñamby																								x	x
Menyanthaceae																											
<i>Nymphoides indica</i> (L.) Kuntze	Ninféia																									x	x
Moraceae																											
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Figueirilha	Ka'a rapí'a, Tarope		x																						x	x
Moraceae 1		Yvyra ytchy																								x	
<i>Ficus enormis</i> Mart. ex Miq.	Figueira	Kuapo'y		x																						x	
<i>Ficus gomelleira</i> Kunth & C.D. Bouché.	Gameleira-branca	Yvaro		x																						x	
<i>Ficus guaranitica</i> Chodat	Figueira, figueira-branca	Kuapo'y																								x	
<i>Ficus insipida</i> Willd.	Figueira-mata-pau	Kuapo'y		x																						x	

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

<i>Ficus microcarpa</i> L. f.	Figueira-da-folha-miúda	Kuapo'y	x					x			x								x		x			
<i>Ficus organensis</i> (Miq.) Miq.	Figueira-da-água	Kuapo'y	x					x			x											x		
<i>Ficus pertusa</i> L.f.	Caxinguba	Kuapo'y	x					x			x									x		x		
<i>Ficus pallida</i> Vahl		Kuapo'y						x			x											x		
<i>Ficus</i> sp.	Figueira	Kuapo'y	x					x			x	x			x	x							x	x
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) Don ex Steud.	Tajuva, taiúva	Tatajiva						x			x	x			x								x	x
<i>Morus alba</i> L.	Amora-branca, Amora-árvore	Temiadja tĩ						x			x	x										x		
<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C.Burger et al.	Cincho	Ñandyta						x			x	x											x	
Marantaceae																								
<i>Calathea zebrina</i> (Sims) Lindl.	Calatéia-zebra, maranta-zebra,	Ñacunda										x	x										x	x
<i>Maranta arundinacea</i> L.	Araruta	Akutiguepe	x								x	x											x	
<i>Thalia geniculata</i> L.		Peguaho									x	x											x	
<i>Thalia multiflora</i> Horkel ex Körn.		Peguaho									x	x											x	
Musaceae																								
<i>Musa</i> sp.	Bananeira	Pakova	x					x	x			x	x									x	x	
Myrtaceae																								
<i>Acca sellowiana</i> (O.Berg) Burret	Goiaba da Serra	Ñandu apysa	x					x				x										x	x	
<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O.Berg		Yva aviju	x					x				x										x	x	
<i>Calyptanthes concinna</i> DC.	Guamirim-facho							x				x											x	
<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Cambess.) O.Berg	Capote, sete-capotes	Ñandu apysa	x					x				x											x	x
<i>Campomanesia</i> sp.	Guabiroba-amarela	Guavira ete'i	x					x				x											x	x
<i>Campomanesia</i> sp2.	Guabiroba-verde	Guavira un'i	x					x				x											x	
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> (Mart.) O.Berg	Guabiroba	Guavirami	x					x				x											x	

Pteridophyta																												
<i>Dicksonia sellowiana</i> Hook.	Xaxim	Chachĩ	x								x																x	
<i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. & Fisch.) Copel.	Cipó-cabeludo	Anguya ruguái								x			x														x	x
Pteridofita 1	Avenca	Amambai takauí								x			x														x	
Pteridofita 2	Pteridofita	Amambai takauí								x			x														x	
Pteridofita 3	Pteridofita	Amambai takauí tchĩ								x			x														x	
Pteridofita 4	Pteridofita	Karaguara								x			x														x	
Pteridofita 5	Pteridofita	Natchiorã								x					x												x	
Pteridofita 6	Pteridofita	Piru piru ï								x			x														x	
Onagraceae																												
<i>Ludwigia</i> sp.	Capim-taquarinha	Kamara mba'e									x							x									x	
<i>Oenothera mollissima</i> L.	Fregata	Yvoty ka'aru									x		x														x	x
Orchidaceae																												
Orchidaceae 1		Tapiti ñamby		x										x													x	
Oxalidaceae																												
<i>Oxalis</i> sp.		Makychĩ						x					x														x	
<i>Oxalis debilis</i> Kunth	Trevo	Makychĩ						x					x														x	
<i>Oxalis corniculata</i> L.	Trevo-azedo	Makychĩ						x					x														x	
<i>Oxalis refracta</i> A.St.-Hil.		Makychĩ						x					x														x	
<i>Oxalis triangularis</i> A. St.-Hil.	Azedinha	Makychĩ						x					x														x	
Passifloraceae																												
<i>Passiflora actinia</i> Hook.	Maracujá	Mburucuja							x				x														x	
<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá-doce	Mburucuya							x				x														x	
<i>Passiflora amethystina</i> J.C.Mikan	Maracujá-azul	Mburucuya							x				x														x	
<i>Passiflora caerulea</i> L.	Maracujá	Mburucuya							x				x														x	
<i>Passiflora capsularis</i> L.		Mburucuya							x				x														x	
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Mburucuya							x				x														x	

<i>Vasconcellea quercifolia</i> A.St.-Hil.	Vassourinha-doce										x		x										x		
Poaceae																									
<i>Andropogon</i> sp.	Capim-gambá	Aguara ruguái	x								x		x		x								x	x	
<i>Andropogon bicornis</i> L.	Capim-vassoura	Aguara ruguái									x			x									x		
<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Lágrima-de-nossa-senhora	Mbaguero, Ka'api'i a						x	x		x	x			x								x	x	
<i>Cortaderia selloana</i> (Schult.) Asch.	Gramínea	Kapi'i						x			x				x							x			
<i>Chusquea</i> sp.	Cará	Takuarembó									x		x										x	x	
<i>Chusquea ramosissima</i> Lindm.	Criciúma	Takuarembó		x							x			x	x	x	x						x	x	
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-cidreira	Ka'api'i ka'atí							x														x		
<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Capim-citronela	Ka'api'i reakuã							x														x		
<i>Cynodon</i> sp.	Capim	Kapi'i pe po'y									x		x											x	x
<i>Echinochloa crusgalli</i> (L.) P.Beauv.	Capim-carvão												x											x	
<i>Guadua trinitii</i> (Nees) Nees ex Rupr.	Taquaruçu	Takuára, Takuárusu									x					x	x						x	x	
<i>Gynerium sagittatum</i> (Aubl.) P.Beauv.	Cana-do-rio	Ju'yva	x																					x	x
Poaceae 1		Ipoty pouoi																						x	
Poaceae 2	Sapé	Kapi'i													x	x								x	
<i>Ichnanthus</i> sp.	Gramínea	Kapi'i									x						x							x	
<i>Imperata</i> sp.	Caniço-branco	Kapi'i joja									x													x	
<i>Luziola peruviana</i> Juss. ex J.F.Gmel.	Grama-boiadeira	Kapi'i po'y																						x	
<i>Luziola</i> sp.	Grama-dobrejo	Kapi'i po'y																						x	x
<i>Merostachys</i> sp.	Taquara	Takuapi																						x	
<i>Merostachys multiramea</i> Hack.	Taquaramansa	Takua ete'i		x																					x
<i>Oryza</i> sp.	Arroz-sequeiro	Nhua																						x	
<i>Panicum</i> sp.	Gramínea	Kapi'i																							x
<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench	Caninha-de-milho	Takuarê'ë avatchi		x																					x
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Avati																							x

<i>Prunus subcoriacea</i> (Chodat & Hassl.) Koehne	Pessegueiro-do-mato		x																x		x				
<i>Rubus</i> sp.	Amora	Tembiadja oka					x	x				x	x								x	x			
<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	Amora-do-mato	Ñambu'i	x					x				x	x									x	x		
<i>Rubus erythroclados</i> Mart. ex Hook.f.	Amora-verde	Ñambu'i											x										x		
<i>Rubus imperialis</i> Cham. & Schtdl.		Ñambu'i											x										x		
<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	Amora-silvestre	Ñambu'i											x	x								x	x		
<i>Rubus urticifolius</i> Poir.	Amora-preta	Ñambu'i											x										x		
Rubiaceae																									
<i>Bathysa australis</i> (A.St.-Hil.) K.Schum.	Pau-de-macuco	Hogue guatchu																						x	
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.Mey.		Ype ka'acoene, Tipixa aka voto												x										x	x
<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	Cainca	Ysypo kurusu												x										x	x
<i>Diodia</i> sp.		Ipoty ovy																						x	
<i>Galium humile</i> Cham. & Schtdl.		Kanga'i												x										x	
<i>Galium hypocarpium</i> (L.) Endl. ex Griseb.	Relbunium	Kanga'i												x										x	
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Ñandipaba	x											x	x									x	x
<i>Oldenlandia</i> sp.		Ka'a chirá												x										x	
<i>Oldenlandia</i> sp1.														x											x
<i>Psychotria</i> sp.	Rainha	Tukã retcha																						x	
<i>Psychotria</i> sp.2	Rainha	Tukã retcha																						x	
<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.		Ñuatĩ kurusu												x	x	x								x	x
<i>Simira</i> sp.		Arary												x										x	
<i>Simira</i> sp1.		Arary												x											x
<i>Zanthoxylum fagara</i> (L.) Sarg.	Coentrilho		x																					x	x
Rutaceae																									
<i>Citrus</i> sp.	Laranjeira	Narã																						x	
<i>Helietta apiculata</i> Benth.	Canela-de-veado		x																					x	

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart. var. <i>grandiflora</i>	Chupa-ferro	Apoytaguara						x												x		x	x						
<i>Pilocarpus pennatifolius</i> Lem.	Jaborandi	Yvyra ta'i	x																		x		x						
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda										x												x	x					
<i>Zanthoxylum</i> sp.	Mamiqueira	Tembetary									x												x						
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-cadela	Tembetary	x					x															x	x					
Salicaceae																													
<i>Banara parviflora</i> (A.Gray) Benth.	Farinha-seca	Mbavy	x					x															x	x					
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Guaçatonga	Mbavy moroti						x															x	x					
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Erva-de-lagarto, chá-de-bugre	Guaimi rajepe'a						x				x	x	x				x	x						x	x			
<i>Salix humboldtiana</i> Willd.	Salgueiro	Yvyra puka	x																					x	x				
Santalaceae																													
<i>Jodina rhombifolia</i> (Hook. & Arn.) Reissek.	Cancorosa	Ñande ta'y	x																					x	x	x			
<i>Phoradendron</i> sp.	Erva-de-passarinho	Ka'avo tyre'y										x												x					
Sapindaceae																													
<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil. et al.) Hieron. ex Niederl.	Chal-chal, Vacum	Koku	x								x													x	x				
<i>Allophylus guaraniticus</i> (A.St.-Hil.) Radlk.	Baga-de-morcego	Pykasu rembi'u	x																					x	x				
<i>Cardiospermum grandiflorum</i> Sw.	Balãozinho	Ysypo kamambu	x							x	x			x												x	x		
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Camboatá vermelho	Yvata'y	x							x	x													x	x	x			
<i>Matayba</i> sp.		Yvata'y ti	x																							x			
<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	Camboatá branco	Jagua rata'y	x																						x	x			
<i>Paullinia elegans</i> Cambess.	Timbó	Tchimbo'y	x																							x			
<i>Paullinia</i> sp.		Ysypo timbo																								x			
<i>Serjania</i> sp.		Ysypo timbo																								x		x	
Sapotaceae																													
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	Coroninha	Guajayvi ra'i	x																							x	x		

ECOLOGIA HISTÓRICA GUARANI: AS PLANTAS UTILIZADAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL (PARTE 1)

8		Ka'avo tyrey						x													x		
9		Komanda râm											x								x	x	
10		Manduvi dju guatchu																				x	
11	Pinheirinho-rasteiro	Pikârâtchi poã																					x
12		Takua ovy																					x
13		Takua tchi																					x
14		Takua'í																					x
15		Tchapy'y																					x
16		Tchypo kachi																					x
17		Tchypo Kamby																					x
18	Cipó-linhaça	Tchypo pyta, Tchypo pê																					x
19		Tchypo reaquã																					x
20		Tchypo y'y																					x
21		Yvavi dju																					x
22		Yvyra eve																					x
23		Yvyra pere miri																					x
24		Yvyra piriri																					x
25	Cipó-são-joão	Yvyra pyta																					x
26	epífita																						x
27																							x
28																							x

* Fontes: 1) Oliveira, 2009; 2) Noelli 1993; 3) Noelli 1998; 4) Noelli e Landa 1993

Recebido em:09/08/2016
 Aprovado em:10/09/2016
 Publicado em:15/10/2016